

Ao sabor das águas acreanas: Fotoetnografia de uma oficina de formação

Vídeo nas Aldeias
Realizadores indígenas Ashaninka

Adriana Fernanda Busso

Mestra em Antropologia Social, UFSCar

O termo fotoetnografia já foi usado por outros antropólogos para definir uma narrativa fotográfica de uma etnografia, narrativa essa que, no meu caso, é parte da experiência de campo realizada durante o Mestrado em Antropologia Social na UFSCar, entre os anos de 2008 e 2011, na aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, Acre.

De fato, trabalhar o potencial narrativo descritivo por meio da fotografia já é marca da Antropologia desde que, em 1942, Gregory Bateson e Margareth Mead o demonstraram como possibilidade inovadora na pesquisa antropológica em seu *Balinese Character*. O uso de imagens favoreceu e incrementou o trabalho de campo, dando experimentação diferenciada à pesquisa e influenciando as gerações seguintes de pesquisadores nas ciências humanas.

Aqui as imagens narram dois acontecimentos na aldeia: A) a formação de realizadores indígenas pelo Projeto Vídeo nas Aldeias, através das oficinas de realizadores e B) a retomada da produção da cerâmica Ashaninka no interior da aldeia. Assim, a narrativa visual aqui apresentada forma um conjunto que comenta experiências simultâneas de novos modos de registro e aprendizagens: aprender cerâmica em oficinas, registrar as oficinas, e registrar os registros. Em 2010, com o material já editado, o filme “Uma aldeia chamada Apiwtxa” foi finalizado na sede do Projeto Vídeo nas Aldeias, completando assim a formação destes realizadores.

A narrativa desta viagem, que se deu ao sabor das águas, permeia toda esta revista: A Capa traz as águas calmas do Rio Amônia ao início da primavera. Se estendendo ao longo da revista, antes de artigos e resenhas, visualizamos a equipe em viagem a TI e cenas do cotidiano da aldeia no

período. No apêndice trazemos a narrativa visual propriamente dita, apresentada em formato de pranchas, narrando por si só as etapas das oficinas. Por fim, fechamos a revista com uma imagem que antecede uma enorme chuva acreana.

Agradeço primeiramente à minha orientadora, Clarice Cohn, pela confiança e dedicação com que me orientou neste período. Obrigada por acreditar na viabilidade da pesquisa e pelo empenho para conseguir a bolsa Capes-Reuni, fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

Sou grata ao Vincent Carelli e sua equipe do Vídeo nas Aldeias, pela oportunidade única engendrada durante a pesquisa, tanto na captação das imagens quanto na edição. E entre a Clarice e o Vincent encontra-se alguém que muito me ajudou em relação à temática, Leandro Saraiva, meus agradecimentos.

Ao Geraldo Andrello, meus agradecimentos por ser, em momento crucial, a ponte entre o projeto e o trabalho de campo.

Durante o mestrado não foi possível acompanhar a edição do material captado no trabalho de campo com os Ashaninka. Tal edição se deu em momentos diferentes na aldeia e na sede em Olinda. Como para preencher essa lacuna na dissertação, acompanhei outra etnia durante a edição, os Huni Kuin (conhecidos também por Kaxinawá), aproveito para agradecer a Zezinho Yube e família por todas as entrevistas.

Manifesto aqui também meus sinceros agradecimentos aos Ashaninka, que permitiram minha presença, proporcionando mais metalinguagem ao processo: a antropóloga que registra o registro e aprendizado dos realizadores, que se dá através da captação de imagens em uma oficina de resgate cultural: a cerâmica, produzida por mulheres Ashaninka desde muitas gerações. Em especial, agradeço a vivência pessoal que Góia e seus filhos Oowiro e Luíza me proporcionaram, recebendo a equipe em sua casa, preparando nossas refeições e, sobretudo, nos aconchegando em terras distantes.

Obrigada, enfim, a todos que contribuíram de alguma forma e que não mencionei aqui.

Recebido em 13 de Dezembro de 2013
Aprovado em 15 de Dezembro de 2013

































